

Autor:

José Carlos Ribeiro Miranda

mirandajcr.prv@gmail.com

Título:

Post Scriptum a «Catábase virgiliana nos sonhos de Lancelote»

Resumo:

A análise dos sonhos de Lancelot, presentes na *Demanda do Santo Graal*, levada a cabo por Sofia Teixeira em artigo publicado no presente número da revista *Guarecer*, revela aspectos que levam a concluir que a *Eneida*, sobretudo o canto VI, constituiu uma das fontes da obra. Uma vez que o mesmo não é possível dizer relativamente à versão desses sonhos presente na *Queste del Saint Graal*, as relações entre ambos os textos deverão ser reequacionadas. Duas hipóteses são possíveis: ou ambas as obras derivam de um original comum que já continha motivos e temas originários da *Eneida* – texto bem conhecido entre os séculos XII e XIII –, tendo sido omitidos pelo referido texto francês; ou os temas e motivos virgilianos não estavam presentes no texto original, o que significa que terá sido a *Queste* do Ciclo do Pseudo-Boron a acrescentá-los. Esta última possibilidade levará, necessariamente, a repensar o plano que terá presidido à redacção desse ciclo.

Palavras-chave:

Demanda do Santo Graal; sonhos de Lancelot; Inferno; Rei Bam de Benoic; *Eneida*; *Queste del Saint Graal*; *Ciclo do Pseudo-Boron*.

Abstract:

Sofia Teixeira's article in the present issue of *Guarecer* addresses Lancelot's dreams in *Demanda do Santo Graal*. The analysis provides elements that lead to the conclusion that the *Aeneid*, especially chapter VI, is one of the romance sources. Since the same association cannot be corroborated in the French *Queste del Saint Graal* version of the dreams, the connection between the Portuguese and French works must be reasserted on new bases. Two main possibilities arise: either both oeuvres derive from an older, distinct work, which already contained the elements pertaining to the *Aeneid* – a text whose wide influence during this period is acknowledged –, in which case the French text certainly omitted all those elements; or the Virgilian motifs were not in the former text and must have been adjoined by the writer of the Pseudo-Boron cycle, which leads to rethink the whole plan behind it.

Keywords:

Demanda do Santo Graal; Lancelot's dreams; hell; King Bam of Benoic; *Aeneid*; *Queste del Saint Graal*; *Pseudo-Boron Cycle*.

Plano:

Antecedentes do sonho genealógico da *Demanda do Santo Graal*

A catábase na *Queste del Saint Graal*

Como citar este artigo:

José Carlos Ribeiro Miranda, «*Post Scriptum* a “Catábase virgiliana nos sonhos de Lancelote”», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 4, 2019, pp. 97-108. DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a6>

POST SCRIPTUM A «CATÁBASE VIRGILIANA NOS SONHOS DE LANCELOTE»

José Carlos Ribeiro Miranda
SMELPS/Universidade do Porto

Não é muito habitual assistir-se a avanços significativos na investigação sobre temas arturianos na Península Ibérica, não só porque a matéria é limitada em termos de testemunhos manuscritos, mas sobretudo porque é lacunar, descontínua, abarcando línguas diversas e intrinsecamente complexa. Na realidade, cerca de século e meio de investigação produziu poucos resultados e não consensuais, tanto no tocante às relações entre os textos ibéricos e os ascendentes franceses, como relativamente ao modo como se organizavam os romances entre si¹. Alguns importantes textos permaneceram inéditos até há bem pouco tempo, e outros, que sabemos terem circulados no espaço peninsular, são praticamente desconhecidos, porque deles apenas subsistem fragmentos².

Nestas circunstâncias, qualquer progresso no conhecimento é tão difícil, quanto é de louvar, sobretudo quando incide sobre aspectos inesperados. É o que sucede com o artigo agora publicado, no presente número da *Guarecer. Revista de Estudos Medievais*, por Sofia Teixeira, dando conta da utilização da parte VI da *Eneida* como fonte para uma importantíssima sequência narrativa do *Livro de Galaaz*, ou *Demanda do Santo Graal*, exactamente aquela onde mais explicitamente se procede ao julgamento de Lancelote, sobretudo no tocante à sua relação amorosa com a rainha Genevra, mulher do rei Artur. Referimo-nos aos subcapítulos 201, 202 e 207, da mais recente edição publicada entre nós³, inteiramente preenchidos pelos sucessivos sonhos de Lancelote enquanto decorre a busca do Graal.

Ora, essa sequência narrativa culmina um processo que tem início na reformulação dos sonhos de Galeholt («Galeote» no texto ibérico) na parte final do *Lancelot não-cíclico*, ou seja, muito milhares de fólios atrás, se tivermos em conta que,

¹ Entre a teoria da «pós-Vulgata», defendida por Fanni Bogdanow (1965), mas com uma ancestralidade conhecida que remete a Père Bohigas-Balaguer (1925), e a concepção de um «Ciclo do Pseudo-Boron» por nós defendida (Miranda, 1998a e b), retomando, em parte, a investigação centenária de Edward Wechssler (1895), situa-se uma zona de indecisão reveladora de um trabalho filológico, crítico e hermenêutico manifestamente insuficiente. Ver estado da questão em Hook (ed., 2015).

² Para uma descrição detalhada desses fragmentos, ver Ailenii (2018).

³ Nunes (ed., 2005, pp. 158-161 e 165). Correspondem aos ff. 72v (c) a 74r (b) e 76r (b) a 76v (c) do Ms. 2594 da Oesterreichische Nationalbibliothek.

entretanto, a linha diegética conheceu uma derivação retrospectiva, que resultou na redacção do texto linhagístico por excelência, que é a *Estoire del Saint Graal*. Nesses sonhos de Galeholt, prontamente interpretados por Mestre Helie de Toulouse, é feito o primeiro anúncio da vinda de um cavaleiro – Galaaz –, que, sob a alegoria de um leão, deveria superar o melhor cavaleiro dos então existentes – Lancelot –, figurado por um leopardo. Estava dado início a uma derivação inesperada de uma *estória* que, até esse momento, apenas conhecera este último cavaleiro como personagem digna de todo o louvor⁴.

Portanto, os episódios em questão, para cuja redacção terá sido convocada a conhecida catábase da Eneida, não são propriamente apostos narrativos avulsos, antes incidem sobre o coração da construção cíclica, tal como ela foi pensada desde o início e independentemente das derivações que veio a conhecer muito cedo. O ciclo de romances arturianos em prosa foi concebido em torno da figura de Lancelot na sua forma primitiva, e continuou a sê-lo tanto na derivação Vulgata, como na derivação Pseudo-Boron, conquanto estas duas reformulações tenham desviado o tema central para caminhos diversos, algumas vezes perversos, outras, apenas descaminhados.

Antecedentes do sonho genealógico da *Demanda*

De notar, no entanto, que nem tudo são novidades no conjunto formado pelos episódios contendo os sonhos «alegóricos», havendo lugar a aproveitamento de matéria já anteriormente tratada e de motivos cuja entrada em cena tivera lugar antes. Referimo-nos, particularmente, ao primeiro desses sonhos, onde o herói contempla os seus antepassados sob a forma de sete homens que se vão alinhando, um após outro, aos quais se vêm juntar o oitavo – que agora é ele mesmo – e o nono, o seu filho Galaaz.

Na realidade, a estrutura genealógica que se vai construindo na continuação cíclica do *Livro de Lancelot*, onde se encontra já a evocação de alguns antepassados⁵, irá conhecer o seu ponto culminante nos sonhos genealógicos experimentados por Mordaim – o primeiro rei cristão da cidade de Sarraz –, e depois por Nascian – o cavaleiro, cunhado daquele, a quem se ficará a dever a vitória na batalha contra Tolomer, momento instituidor da ordem cristã no mundo⁶. Estes sonhos estão detalhadamente descritos na *Estoire del Saint Graal*, sendo Nascien o verdadeiro

⁴ Ver Micha (ed., 1978-1983, vol. I, pp. 6-60). Sobre o assunto, consultar Kennedy (1986); Correia (2010).

⁵ Na realidade, a continuação cíclica do *Livre de Lancelot* não recua aquém do pai do rei Bam de Benoit, avô de Lancelot e seu homónimo. Sobre esta personagem e a sua representação na *Estoire del Saint Graal* e no *Livre de Lancelot*, ver Fabry-Tehranchi (2014).

⁶ Cf. Miranda (1993).

iniciador do «precioso linhagem»⁷, embora o texto confira essa função fundacional ao seu filho, Celidones.

Ora, no primeiro destes sonhos, quando Mordaim vê a posteridade genealógica do seu sobrinho, cada um dos descendentes enumerados é representado sob a forma de um rio que sai do interior do fundador, tal como as representações genealógicas medievais faziam sair a árvore de Jessé do corpo jazente desta personalidade do Antigo Testamento⁸:

E depos esto, via seu sobrinho Celidones e via que lhe saia do ventre ãu mui grande lago e deste lago saiam nove rios domde os oito eram duma alteza e de ãa grandeza e de ãa semelhança, mas o nono era mais fumdo e mais grande e corria tam de rijo que nom avia cousa que o pudese sofrer. E aquele rio era asi turvo e asi espesso como lama no começo, e no meio asi claro como cristal e çento tanto mais claro, e corria tam passo que nom podia empeçer a ninguem. Depois vinha ãu homem descomtra o ceo que trazia o testemunho do verdadeiro crucifixo e veio ao lago e lavou i seus pés e suas mãos. E outrosi nos oito rios e no noveno meteo se todo e lavou todo seu corpo (ESG, Miranda et al., ed., 2016, pp. 109-110).



Árvore de Jessé, *Saltério de Lungburg* (séc. XIII)

A exegese do sonho realizada mais adiante por Salustes confirma e aprofunda aquilo que uma transparente alegoria deixava já adivinhar:

⁷ Pela sua pertinência em âmbito ibérico, referiremos o texto a partir da versão portuguesa traduzida no séc. XIII por Joam Vivas, recentemente editada por José Carlos Miranda, Simona Ailenii, Isabel Correia, Ana Sofia Laranjinha & Eduarda Rabaçal (ed., 2016, p. 105).

⁸ Sobre o assunto, ver o volume organizado por Georges Martin & José Carlos R. Miranda (2011).

Tuu viste de teu sobrinho sair um lago e dele saí[a]m nove rios. E os oito eram todos igais e o noveno, que derradeiro naçera, era tam fermoso e tam gramde como todos os outros. E o lago era mui fermoso e mui gramde e tuu oulhaste e viste sobre ti vir um omem que tinha semelhamça do verdadeiro croxofixo. E quando deçeo, entrou no lago e lavou nele os pes e as pernas e outrosi em todos os outros oito rios. E no novo se lavava todo. Aquele lago é teu sobrinho em que Jhesuu Cristo banhará seus pes e suas pernas, tamto quer dizer que ele será de tam boa [109v] vida que será verdadeiro na samta fe. Do qual saíram os nove rios, estes seram nove homens que dele deçemderam, e nom seram todos seus filhos, amtes deçemderam de um e do outro por geraçam. E todos oito seram igaes de bomdade e de vida, pero o oitavo nom será no começo de tal vida, mas se lo á depois. O noveno será de mui maior alteza de vida que todos. E porque de todas bomdades vemçerá os outros, por iso banhará Jhesu Cristo nele todo seu corpo, isto nam vestido, mas nuu, que ele se espirá amte ele de tal maneira, que lhe mostrará todas as suas poridades, que ele numqua a omem descobrio (ESG, Miranda *et al.*, ed., 2016, p. 137).

Se alguma evolução se nota, desta narrativa para aquela que figura na *Demanda do Santo Graal*, é que a imagem do rio se altera, ganhando um carácter objectivo. O rio não está já como substituto dos ramos da árvore genealógica, mas ganha uma outra dimensão, passando ao objectivismo da coisa em si, ao lugar donde saem os vultos que constituem a linhagem. Poderíamos dizer mesmo que o rio é a representação da terra donde emergem os homens, não fora o contexto circundante – os sonhos que se seguem – apontar para a geografia do submundo, tão bem representada no relato virgiliano.

A mesma inovação está patente na existência de um trajecto que esses homens, representantes da linhagem, devem percorrer, que não é o de travessia, como na *Eneida*, mas sim ascensional, implícito na já prévia existência de um Homem que vem de cima, ou seja, de Cristo. Relembre-se que, no sonho de Mordaim da *Estória do Santo Graal*, o trajecto também é vertical, mas é Cristo que desce para se banhar no rio representado por Galaaz, como detalhadamente se observa na exegese do sonho de Mordaim realizada por Salustes.

Por último, também a dimensão penitencial do percurso de Lancelote se afasta dos referidos sonhos genealógicos da *Estória do Santo Graal*, onde o trajecto deste cavaleiro é encarado com menos severidade ética⁹, ao indicar que o herói irá redimir-se no final da sua vida, e em caso nenhum se aludindo à sua exclusão do patrocínio divino do conjunto da linhagem do qual ele fazia parte. Tal é também visível no sonho de Nascien, que ocorre mais adiante, onde os termos são idênticos aos do sonho de Mordaim, com a particularidade de ser transcrita uma carta escrita por Cristo, Ele mesmo:

⁹ De recordar que a *Estoire del Saint Graal* é redigida numa fase em que, provavelmente, não estavam ainda bem concretizadas as linhas de força da parte terminal do ciclo. Sobre este assunto, ver Lot (1918); Kennedy (1986); Miranda (1998a).

E emtão [Nascião] abrio a carta e achou letras todas vermelhas, que as ũuas erão escritas em ebraico e as outras em latim, e dezião dos cavaleiros [207r] servos de Jhesu Cristo, “o primeiro Nacião e outro Çelidones, e o primeiro que de Celidones sair será bom e riquuo e mui amigo de Deos e bom cavaleiro d’armas e averá nome Narpos; e o segumdo, Nasçião; e o terceiro, Elaim o Groso, será bom omem e samto e rei coroado; o quarto averá nome Isaiis; o quimto averá nome Jonão e será bom cavaleiro d’armas e exaltará a Samta Igreja; o sexto averá nome Lamçarote e será coroado na terra e nos çeos, que nele averá caridade e piadade; o setimo se chamará Bam; e o que dele deçemder será o oitavo da linhagem e averá nome Lamçarote. Este será o que sofrerá mais coitas e trabalhos que nenhum dos damtes dele nem depos ele, aquele [não] será reto ata perto de sua fim; daquele sairá o noveno que será rio turvo e espeso como lama no *começo* e na fim será limpo, mas no *meio* cem vezes mais claro e mais fremoso e tão saboroso de beber que aduro se poderia dele nimg[u]em abomdar. Naquele me lavarei todo, aquele será rei coroado e averá nome Galaz, aquele pasará de bomdade e cavalaria todos os cavaleiros que amte dele forão nem em seu tempo serão, aquele dará fim as aventuras que virão na terra omde as averá” (ESG, Miranda *et al.*, ed., 2016, p. 238).

Todavia, a superação ética de Lancelot pelo cavaleiro a vir estava já inscrita no coração do plano cíclico, e a concretização desse propósito torna propícia a aproximação ao relato da *Eneida*, onde todos os que esperam a barca se situam numa posição, de alguma forma, purgatória. Isto tendo em conta que a própria busca do Santo Graal se configura como um julgamento global da cavalaria¹⁰.

A catábase na *Queste del Saint Graal*

Pelo exposto, resulta claro que o relato do início do confronto de Lancelot com os seus actos pretéritos, tal como é se lê na *Demanda do Santo Graal*, se faz aprofundando linhas temáticas e motivos que vêm da *Estoire del Saint Graal* – motivos e sentidos essencialmente genealógicos, aos quais se associava, de uma forma espantosamente clara e incisiva, a ideia do favorecimento divino do «precioso linhagem»¹¹. Porém, neste novo contexto narrativo, a imposição da condicionante ética – cavaleiresca, política e espiritual, em conjunto, que fazem a essência do «julgamento» que se está a desenrolar – torna favorável o recurso a imagens de natureza escatológica que se vão adicionar às ideias anteriores de favorecimento divino da linhagem eleita. A catábase da *Eneida*, de Virgílio, constituiu o modelo que permitiu dar corpo a estas ideias conflituantes, permitindo reajustar o sentido do motivo do rio e acrescentar ao texto, pelo recurso às imagens do submundo além-túmulo, a dimensão judicial, pela qual Lancelot se separa

¹⁰ Cf. Miranda (1998b, pp. 189-191).

¹¹ Cf. ESG, Miranda *et al.* (ed., 2016, p. 105).

momentaneamente dos membros da sua linhagem, sendo ameaçado de exclusão permanente. Sendo a infracção de Lancelot e Genevra, em muitos aspectos, afim à praticada por Dido e Eneias – já que ambas atentam contra o desígnio da comunidade –, e havendo no mencionado submundo um local específico para os amantes condenados, a opção realizada pelo redactor do protótipo francês da *Demanda do Santo Graal* apenas pode surpreender pela oportunidade.

De notar que, desta sequência de ideias e de motivos, só sobrevive na *Queste del Saint Graal* do chamado «Cycle de la Vulgate» a alusão ao sonho genealógico, que fica reduzido, mesmo assim, à visão de Lancelot quando está adormecido. O rio – seja como metáfora genealógica de cada indivíduo ou como metáfora da origem de todos os indivíduos – começa por ser abandonado, porque a vertente genealógica é, ao longo do romance, rasurada tanto quanto se revela possível. Na realidade, tomando como modelo a versão do sonho de Nascien, presente na *Estoire del Saint Graal*, que atrás transcrevemos, a *Queste del Saint Graal* retém os nove homens – sete reis e dois cavaleiros –, mas silencia a relação de parentesco existente entre eles. Como é sabido, neste ponto do romance, Lancelot não sabe sequer que Galaaz é seu filho. Isso somente lhe será revelado mais adiante, na exegese deste sonho produzida por um eremita¹².

O trajecto ascensional mantém-se e torna-se mais explícito. Cristo não vem ao encontro dos nove homens, mas surge já na companhia deles, nem que seja para, logo de seguida, proferir um discurso de expulsão do oitavo. Alterando radicalmente a imagem do sonho de Nascien, em que todos os membros da linhagem prestam homenagem a Celidones, o fundador, agora são os reis e cavaleiros que se ajoelham ao pé do Cristo coroado. Mas, para o que mais directamente nos interessa, de momento, o que se torna mais notório é que não está presente o rio donde saem os membros da linhagem. Eles apenas aparecem «devant lui», durante o seu sonho...

Quant il fut endormiz, si li fu avis que devant lui venoit i home tot avirone d'estoiles.
Cil home avoit une corone d'or en sa teste, si menoit en sa compaignie vii rois et ii
chevaliers. Et quant il estoit venu devant Lancelot, si s'arestoient e si aoroient la
croiz et fesoient devant lor aflicions. Et quant il avoient esté grant piece a jenouz,
si s'assooient tuit, et tendoient lors mains vers le ciel et ci crioient a hate voiz:
Pere, vien nos visiter et vooir, et rent a chascun de nos selonc ce qu'il a deservi, si
nos mete n ton ostel, en la meson ou nos desirron tant a entrer (Bogdanow, ed.,
2006, p. 346).

Embora reformulado e modelado à luz do que são os pressupostos em que assenta o seu tecido narrativo, o sonho genealógico de Lancelot mantém-se na *Queste da Vulgata*. Mas será apenas mais adiante, pela voz de um eremita, que se fará alusão – um tanto surpreendente... – ao conteúdo do sonho de Mordaim da *Estoire*, ou seja, à

¹² Cf. Miranda (1998b).

metáfora dos rios como indivíduos que compõem a linhagem, e até ao facto de Cristo se ter banhado nesses rios¹³. É omitido, contudo, que desse modo Ele transmitiria à linhagem todos os seus segredos. Aliás, as alusões à linhagem escolhida são dúbias porque não existem remissões para a *Estoire del Saint Graal*, onde os episódios que dão corpo a este tema estão muito desenvolvidos, como temos visto.

Na sequência da evocação da batalha de Mordaim contra Evalac, que tem lugar no episódio da Abadia, tanto a *Queste del Saint Graal* como a *Demanda do Santo Graal* testemunham que o escudo que o rei Mordaim levava na sua vitória contra Tolomer iria ser depositado no túmulo de Nascien, para que, no seu tempo, «Galaaz, li darreeins del lignage Nasciens¹⁴», ou «Galaaz, que será o postumeiro da linhagem de Naciam¹⁵», dele tomasse posse. Porém, só o texto português, pela voz do eremita que acompanha Galaaz, lhe conta «...de Josep e de rei Mordaim e de Naciam e de quaes homens foram e de quaes cavaleiros...»¹⁶.

Omissão mais radical passa-se no segundo sonho presente na *Demanda*, em que, tal como Eneias, ou mais adiante, Dante, na *Comedia*, Lancelot visita o Inferno. Destas viagens escatológicas a *Queste del Saint Graal* não retém nada. O desaparecimento de qualquer referência ao caso amoroso do herói e, sobretudo, o silêncio sobre a evocação da entidade paterna, que tão flagrantemente une a sequência narrativa da *Demanda* à *Eneida*, são notórios¹⁷. Mas nenhuma destas transformações surpreende à luz daquilo que tem sido posto em evidência sobre a natureza e os propósitos da *Queste* da Vulgata. O texto desenvolve-se noutra direcção, parenética, austera e edificante, numa linha que se afasta inteiramente da fusão entre cavalaria, linhagem e favor divino que caracteriza o conjunto dos textos que compõem o ciclo.

Contudo, é necessário ponderar a natureza destas diferenças, nomeadamente se os motivos que remetem para a catábase da *Eneida* não estão presentes na *Queste del Saint Graal* porque foram omitidas na redacção deste texto, ou se apenas não estariam já no original comum a ambas as redacções da busca do Graal por Galaaz/Galaad. Neste último caso, então terá sido no processo de redacção do *Ciclo do Pseudo-Boron* que tais inovações foram introduzidas, o que se revelará, pelo menos, surpreendente. Na realidade, temos defendido que o plano deste ciclo assentou essencialmente no ajustamento da matéria tristaniana ao ciclo previamente existente forjado em torno de

¹³ Toda esta parte do texto na edição que seguimos é duvidosa, como se pode ver nas inúmeras variantes registadas (cf. Bogdanow, ed., 2006, p. 713). A contaminação entre os testemunhos da *Estoire del Saint Graal* e os da *Queste del Saint Graal* não parece estar suficientemente averiguada.

¹⁴ *ESG*, Bogdanow, (ed., 2006, p. 150).

¹⁵ *DP*, Nunes (ed., 2005, p. 57).

¹⁶ *DP*, Nunes (ed., 2005, p. 54).

¹⁷ As relações textuais da *Demanda* portuguesa e da *Queste* da Vulgata são complexas, envolvendo outros romances, como a terceira continuação do *Li contes de Graal*, de Chrétien de Troyes, da autoria de Manessier. Para um tratamento extenso destas relações textuais, ver Miranda (1998b, pp. 193-221).

Lancelot e da sua linhagem¹⁸. Nesta hipótese, a matéria herdada do *Ciclo do Lancelot* teria permanecido no fundamental imutável, o que se confirma pelo facto de a *Demanda do Santo Graal* revelar uma fidelidade literal e de conteúdo muito grande relativamente aos antecedentes estruturais no ciclo, ou seja, à parte terminal do *Lancelot* e ainda à *Estoire del Saint Graal*, o que é revelador da preservação de uma redacção do romance da busca do Graal por Galaad (e da morte do rei Artur) antecedente das actualmente existentes e da qual ambas descendem.

Mas o que é facto é que, mesmo incidindo muito mais sobre o sentido global do texto, alterando-o profundamente num sentido que se afasta daquilo que era o ciclo inicial, a *Queste del Saint Graal* não preserva traços visíveis dos episódios a que nos temos vindo a referir, o que é perturbador, porque inúmeros vestígios dessa refundição continuam presentes, muitas vezes em pequenos detalhes que escaparam à atenção dos redactores quando se propuseram alterar a letra do que estava já escrito num sentido radicalmente diferente. Ora, essa ausência de traços indicadores de refundição leva a ponderar a possibilidade de a catábase virgiliana ter sido introduzida unicamente na redacção da *Queste* do Pseudo-Boron, o que levaria necessariamente a reponderar a natureza deste último ciclo, e do investimento que aí é feito também na matéria relativa a Lancelot.

Que o *Ciclo do Pseudo-Boron* pode ter sido permeável à «*matière antique*», é ideia que foi já expressa por Ana Sofia Laranjinha¹⁹ quando, retomando indicações de Joël de Grisward²⁰, adiantou a possibilidade de a *Suite du Merlin* e o *Tristan en prose* terem usado a narrativa edipiana do *Roman de Thèbes* como modelo para a redacção de episódios referentes aos reis Artur e Marc da Cornualha. Ora o caso vertente leva a ponderar, uma vez mais, em que medida as grandes narrativas da Antiguidade, entre elas a *Eneida* de Virgílio, estavam vivas e eram literariamente produtivas em inícios do século XIII.

Assunto em aberto, portanto, destinado a pesquisas mais aprofundadas, que podem vir a trazer nova luz sobre a escrita do romance arturiano em prosa numa fase de maturidade.

Bibliografia:

Ailenii, Simona (2018), *A Tradução Galego-Portuguesa do Romance Arturiano: Os Primeiros Testemunhos*, Porto, Estratégias Criativas.

Bogdanow, Fanni (1966), *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester, Manchester University Press.

¹⁸ Ver Miranda (1998a e b); Laranjinha (2010); Correia (2015).

¹⁹ Cf. Laranjinha (2010, p. 294 e seg.).

²⁰ Grisward (1973).

- Bogdanow, Fanni (ed., 2006), *Queste del Saint Graal*, Paris, Librairie générale française.
- Bohigas-Balaguer, Pere (1925), «Los textos españoles y gallego-portugueses de la *Demanda del Santo Grial*», Anejo VII de la *Revista de Filología Española*, Madrid.
- Correia, Isabel S. C. Correia (2010), «Do Amor no Lançarote de Lago», in J. Murillo, J. Roso, F. Grande Quejigo (ed.), *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Univ. Extremadura, pp. 991-997.
- Correia, Isabel S. C. Correia (2015), *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do Romance Arturiano Contido no ms 9611 da Biblioteca Nacional de Madrid*, Porto, Estratégias Criativas [ISBN: 13.978-972-8257-58-3].
- Fabry-Tehranchi, Irène (2014), «La fontaine bouillonnante et la tombe de Lancelot l'Ancien: Modalités textuelles et iconographiques de la construction cyclique dans le Lancelot-Graal», *De Boeck Supérieur, «Le Moyen Age»*, 2 Tome CXX, pp. 331 à 375. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-le-moyen-age-2014-2-page-331.htm>.
- Grisward, Joël (1973), «Un schème narratif du Tristan en Prose. Le mythe d'Oedipe», in *Mélanges de Langue et de Littérature Médiévale offerts à Pierre le Gentil*, Paris, SEDES/CDU, pp. 329-339.
- Hook, David (ed., 2015), *The Arthur of the Iberians. The Arthurian legends in Spanish and Portuguese worlds*, University of Wales Press.
- Kennedy, Elspeth (1986), *Lancelot and the Grail*, Oxford, Clarendon Press.
- Laranjinha, Ana Sofia (2010), *Artur, Tristão e o Graal: a escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas.
- Lot, Ferdinand (1918), *Étude sur le Lancelot en prose*, Paris, Librairie Honoré Champion.
- Martin, Georges & José Carlos R. Miranda (2011), *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular*, Porto, Estratégias Criativas.
- Micha, Alexandre (ed., 1978-1983), *Lancelot, roman en prose du XIIIe siècle*, 9 voll., Paris/Genève, Librairie Droz.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1993), «Realeza e cavalaria no *Livro Português de José de Arimateia*, versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*», in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Lisboa, Edições Cosmos, vol. IV, pp. 157/161. Disponível em: <http://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas4.3/21.pdf>.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998b), *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito.

Miranda, José Carlos Ribeiro (dir.), Simona Ailenii, Isabel Correia, Ana Sofia Laranjinha, Eduarda Rabaçal (ed., 2016), *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, Porto, Estratégias Criativas.

Nunes, Irene Freire (ed., 2005), *A Demanda do Santo Graal*, 3ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Wechsler, Eduard (1895), *Ueber die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle, Max Niemeyer.